

Informação, educação e comunicação em saúde: resistindo às sereias.

“...mas a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas,
como a ONU controla as nações.
Cada disciplina pretende, primeiro,
fazer reconhecer a sua soberania territorial e,
à custa de umas magras trocas.
As fronteiras confirmam-se em vez de se desmoronarem”.

Edgar Morin

Ana Valéria Machado Mendonça¹

A primeira tentativa de não cairmos na sedução das sereias é entender os processos de Informação, Educação e Comunicação em Saúde como campo de saberes, onde cada um tem seu lugar ao sol. Separados, continuam “presos” as suas especificidades. Muito embora tenham o que dizer. Juntos, enfrentam a produção de conhecimentos complexos, que provocam a permanente revisão de paradigmas nas relações entre diferentes saberes, interesses, sujeitos, idéias e ações.

Encontrar os pontos de interseção entre esses saberes nos livra da pirâmide fatiada, em que historicamente vem se fragmentando a produção do conhecimento, e de sua representação na oferta das ações e serviços de saúde, em todas as instâncias de gestão do Sistema Único de Saúde - SUS. E nos levar a pensar em ações multidisciplinares, pluridisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares.

Nessa direção devemos compreender os contextos sócio-históricos que sustentam, na atualidade, a verticalização das ações; a descontinuidade das políticas e programas estratégicos; a predominância do enfoque biologicista e mecanicista no modelo de atenção à saúde; a desarticulação dos saberes (técnico e popular); a redução da ação educativa à veiculação de campanhas publicitárias e massificação de informações sem criar mecanismos de validação dos significados; a criação de projetos e programas de saúde organizados; a ausculta qualificada dos indivíduos, famílias e comunidades (sem participação social) e, sobretudo, as dúvidas quanto às bases conceituais que alimentam os processos de informação, educação e comunicação em saúde.

A segunda tentativa de não cairmos na sedução das sereias é tomarmos consciência da necessidade de radicalizarmos na leitura de um mundo mais humano, acolhendo um novo

¹Jornalista, professora da Universidade de Brasília (UnB), pesquisadora do Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM). Doutora em Ciência da Informação pela UnB e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. valeriamendonca@unb.br

paradigma. Este pautado nos valores da diversidade, singularidade e pluralidade dos sujeitos e dos seus modos de enfrentar os sofrimentos, as dores, a doença, a morte. Portanto revisando os processos de informação, educação e comunicação a serviço da promoção da saúde.

Tomar esse novo sentido faz do IEC, mediado por tecnologias inclusivas, uma ação político pedagógica capaz de promover uma comunicação Todos-Todos, rumo à democratização da produção e do acesso às informações, alicerces de uma relação saudável entre governo/estado e sociedade, visando a construção de um novo modelo de atenção integral a saúde das famílias, mais equitativo, justo e humano.